

**A observação como instrumento nas pesquisas em Educação Especial:
uma análise dos artigos publicados na Revista Educação Especial (UFSM)**

**The observation as an instrument in research in special education:
an analysis of the articles published in the Special Education Journal (UFSM)**

Adilson Rocha Ferreira¹

Deise Juliana Francisco²

Resumo: O objetivo deste estudo é identificar como a observação, enquanto instrumento no processo de produção de dados, está sendo utilizado em pesquisas no âmbito da Educação Especial, destacando as características que lhes são peculiares. Esta pesquisa é classificada como uma pesquisa bibliográfica, mais especificamente caracterizada como pesquisa de estado da arte. Para a realização desta pesquisa, foi escolhida a Revista Educação Especial (ISSN Eletrônico: 1984-686X, Qualis CAPES 2013-2016 – Educação A2), publicada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em que foram analisados os trabalhos publicados entre os anos 2016 a 2018, contando com três volumes, um por ano, e três números por ano, com exceção do ano de 2018 que, até o momento, só foram publicados dois números. Assim, foram analisados 8 números, totalizando 134 trabalhos, dos quais apenas 16 utilizaram este instrumento em suas pesquisas. Frente às nossas análises, percebemos que mesmo sendo um instrumento utilizado há muito tempo, a observação é relativamente pouco utilizada nas pesquisas em Educação Especial. Mesmo aquelas que optam por utilizar a observação, muitas vezes os pesquisadores não relatam as especificidades da observação realizada e quais autores embasam a sua prática.

Palavras-chave: Instrumento de Pesquisa; Observação; Educação Especial.

Abstract: The aim of this study is to identify how observation, as an instrument in the data production process, is being used in research in the field of Special Education, highlighting the characteristics peculiar to them. This research is classified as a bibliographical research, more specifically characterized as state-of-the-art research. In order to carry out this research, the Special Education Journal (ISSN Eletrônico: 1984-686X, Qualis CAPES 2013-2016 - Educação A2) was published, published by the Federal University of Santa Maria (UFSM). years from 2016 to 2018, with three volumes, one per year, and three figures per year, except for the year 2018, so far only two issues have been published. Thus, 8 numbers were analyzed, totaling 134 works, of which only 16 used this instrument in their research. In light of our analyzes, we realized that even though it has been an instrument used for a long time, observation is relatively little used in research in Special Education. Even those who choose to use observation, researchers often do not report the specificities of the observation made and which authors base their practice.

Keywords: Research Instrument; Observation; Special Education.

- 1 Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (2018). Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Alagoas (2016). Graduado em Educação Física Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas (2013). Atualmente é professor de Educação Física da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas - SEDUC/AL. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Física, jogos, jogos digitais, exergames, saúde mental e inclusão. Estuda a implementação das Tecnologias Digitais nas interfaces da Educação e da Saúde, com ênfase nos temas: jogos digitais, exergames, educação, saúde e saúde mental. Integrante do Grupo de Pesquisas Saúde Mental, Ética e Educação (UFAL) e do Grupo de Pesquisas Comunidades Virtuais (UFAL)..
- 2 Graduação em Psicologia (1993) e Licenciatura em Psicologia (1996), Mestrado em Educação (1998) e Doutorado em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007). Professora Associado I da UFAL, membro do Comitê de Ética em Pesquisa da UFAL desde 2010. Tenho experiência na área de Psicologia e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: saúde mental, processo de subjetivação, tecnologias digitais, informática na educação.

Introdução

A pesquisa em educação no Brasil, impulsionada em grande parte pelos programas de pós-graduação *stricto sensu* da área, é relativamente recente e ao longo dos últimos 40 anos vem se consolidando como um espaço de investigação e discussão de diferentes demandas do contexto educacional (MACEDO; SOUZA, 2010). Dentre as diversas temáticas investigadas, a Educação Especial vem se consolidando enquanto espaço para discussão das questões do seu público-alvo – pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação – frente aos desafios educacionais postos.

A área da Educação Especial no Brasil constituiu-se como campo em que as concepções biomédicas deram a tônica dos trabalhos educativos. Januzzi (2011) analisa este processo, afirmando que a política da Educação Especial seguiu o percurso da educação em geral, sendo constituída historicamente por duas vertentes: “médico-pedagógica: mais subordinada ao médico, não só na determinação do diagnóstico, mas também no âmbito das práticas escolares [...]. Psicopedagógica: que não independe do médico, mas enfatiza os princípios psicológicos” (JANNUZZI, 1992, p. 59). Impregnada do discurso higienista, produtivista e biomédico, com a presença de testes e medidas de capacidade, a produção do conhecimento científico na área iniciou seguindo a influência norte americana que investiu no modelo comportamentalista à época. Este contexto constituiu o campo. Há, então, um entrelaçamento entre a produção do conhecimento científico na área da Educação Especial e as concepções biomédicas. Conforme Silva e Angelucci (2018, p. 688) analisam,

O processo de medicalização se entrelaça com os modelos de avaliação individual implementados no início do século XX, em que se procura prever riscos e sistematizar correções futuras. Essa tendência faz com que as escolas priorizem, em seus planejamentos, metodologias e práticas avaliativas o modelo das avaliações externas, em detrimento da realização de avaliações que consideram o contexto educacional.

Assim, determinadas políticas educacionais podem adquirir caráter medicalizante na medida em que apagam as problematizações referentes às condições materiais das escolas, aos salários das/dos professoras/professores, a origem e o capital cultural das/dos estudantes, enfocando a utilização de “tecnologias do não aprender”, tanto no que diz respeito ao sucesso nas avaliações escolares quanto à produção de crianças ditas doentes, submetidas aos ditames da indústria farmacêutica (LEHER, 2013).

No tocante ao tipo de pesquisa produzida em Educação Especial, inicialmente, a perspectiva comportamentalista compunha pesquisas experimentais, de cunho quantitativo. Atualmente, percebe-se um deslocamento da perspectiva quantitativa para a qualitativa, tendo em vista a criação de novos cursos de pós-graduação na área, a introdução de outros referenciais teórico-metodológicos, bem como a formação, as políticas públicas e atuação dos movimentos de direitos das pessoas com deficiência. Conforme Casagrande e Cruz (2014, p. 161),

Na educação especial, a tendência ao uso de procedimento quantitativo vem sendo superada aos poucos. No estudo de Silva (2004), 87,5% das pesquisas desenvolvidas na abordagem empírico-analítica, apresentaram abordagem quantitativa, sendo que 45,8% utilizaram como tipo de pesquisa: a experimental. Podemos considerar o resultado dessa pesquisa como um progresso, em se tratando da maioria das pesquisas (84%; n=15) que fazem uso de procedimento qualitativo, seguido do uso de procedimentos qualitativos e quantitativos com 11% (n=2). Corroboramos com o autor Sánchez Gamboa (2003), o qual chama de “falso dualismo” a “falsa opção entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa”.

Muitos são os instrumentos utilizados para registro dos dados produzidos nas investigações científicas da área da educação. Nas pesquisas em Educação Especial, uma parcela dos pesquisadores utiliza a observação para apreender fatos ou comportamentos que são produzidos de forma não-verbal no ambiente em que se desenvolve a investigação. Para Zanelli (2002) mais especificamente, em estudos da gestão de

pessoas, o presente trabalho partiu de quatorze pesquisas que foram conduzidas na Universidade Federal de Santa Catarina, nos últimos três anos. São apresentadas sínteses dos procedimentos metodológicos que foram utilizados nos trabalhos. Os recursos de coleta mais empregados foram: a entrevista individual semi-estruturada, a análise de documentos e observações registradas em cadernos de notas; enquanto a análise de conteúdo categorial temática foi a técnica que permitiu a organização e interpretação das informações. Os estudos possibilitam tecer considerações que são agrupadas em dois segmentos: 1, além de atentar aos detalhes, a observação põe o pesquisador dentro do cenário, de modo que ele possa compreender a complexidade do fenômeno investigado e estabelecer uma interação mais competente com o mesmo.

De acordo com Lüdke e André (2014), é muito provável que duas pessoas ao olharem pessoas o mesmo objeto ou fenômeno enxerguem coisas diferentes. O que cada pessoa vê depende muito de sua história pessoal e de sua bagagem cultural. Na educação especial, esta abordagem acompanha a história das pesquisas, tendo um crescimento significativo em temas como política da educação especial bem como as práticas educativas aí construídas (MENDES; PASIAN; GONÇALVES, 2015).

Marconi e Lakatos (2003, p. 190) definem a observação como “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”. A depender do referencial teórico, podemos utilizar a observação para trazer à tona, na pesquisa, a perspectiva dos participantes da pesquisa, como nas pesquisas etnográficas. Por exemplo, a observação pode trazer dados sobre o que acontece no cotidiano escolar da inclusão, a partir da cultura e da vivência das pessoas que compõem a escola. Também, ao trazer registros de vídeo da atuação de professoras em situação de inclusão, o cotidiano escolar se manifesta. Estes exemplos são oriundos de pesquisas qualitativas, que colocam em destaque a relação construída entre o pesquisador e os participantes da pesquisa.

Para que se torne um instrumento confiável, válido e fidedigno, a observação precisa ser controlada e sistemática, implicando em um planejamento cuidadoso e uma preparação do observador. Planejar a observação significa determinar “o quê” e “como” observar, determinando o foco, o grau de participação do observador, o conteúdo e a duração das observações, a forma de registro, dentre outros aspectos. Cabe salientar que a observação pode ser utilizada como único instrumento da pesquisa ou utilizada em conjunto com outros (LÜDKE; ANDRÉ, 2014).

Antes de tudo, é necessário delimitar o objeto de pesquisa, determinando o foco, quais aspectos do fenômeno observar e como captá-los com a observação. Decidir o grau de participação significa basicamente definir se a observação será participante ou não. Outro aspecto a ser considerado é em que medida o pesquisador tornará explícito tanto o seu papel quanto os seus objetivos de pesquisa, o que pode ir desde a explicitação total até a não a revelação. Segundo Lüdke e André (2014), o pesquisador pode assumir quatro papéis:

- “participante total”, em que ele participa das atividades como se fosse um dos membros do grupo, mas não revela nem a sua identidade enquanto pesquisador nem os propósitos da sua pesquisa;
- “participante como observador”, em que ele revela parcialmente suas funções e seus objetivos;
- “observador como participante”, em que ele revela totalmente a sua identidade enquanto pesquisador e os objetivos da sua pesquisa;
- “observador total”, em que ele não interage com o grupo pesquisado, o qual não sabe que está sendo observado.

A duração das observações dependerá dos objetivos da pesquisa, podendo variar de horas, dias, semanas, meses e anos. Quanto ao conteúdo das observações, Lüdke e André (2014) recomendam a divisão em duas partes: a primeira parte descritiva e a segunda parte reflexiva. A parte descritiva deve envolver o que ocorre no campo, como a descrição dos participantes, a reconstrução dos diálogos, a descrição dos locais, eventos especiais que venham acontecer e atividades desenvolvidas. A parte reflexiva deve envolver as observações do pesquisador, como a decepção, as surpresas, os sentimentos e problemas encontrados no campo.

No campo da Educação Especial, Mendes, Pasian e Gonçalves (2015) fizeram um levantamento sobre pesquisas envolvendo inclusão escolar e atendimento educacional especializado, verificando a ocorrência da observação como um instrumento utilizado em 17% dos trabalhos, sendo que a entrevista foi a mais utilizada. Mohr e Freitas (2015) também encontraram a observação como presente nas pesquisas em educação especial no campo do currículo e práticas.

Há variadas formas para o registro das observações. Alguns pesquisadores utilizam apenas as anotações escritas, enquanto outros utilizam outras técnicas aliadas à observação, como a fotografia e a filmagem. Seja qual for a forma de registro da observação, recomenda-se que ela seja feita o mais próximo do momento da observação. Isto também dependerá do grau de participação do pesquisador. É interessante iniciar o registro indicando o dia, a hora, o local e o período da observação. É interessante também distinguir no registro o que é fala e citação dos participantes e o que é reflexão do pesquisador, ajudando na organização do corpus para posterior análise (LÜDKE; ANDRÉ, 2014).

No campo específico da Educação Especial, a observação tem sido utilizada em pesquisas com uma grande frequência. Pletsch, Fontes e Glat (2007) discutem a relevância da observação nos estudos etnográficos, tendo em vista a desmistificação das pessoas com deficiência bem como a abertura de caminhos para uma intervenção pedagógica de acordo com as necessidades locais e culturais dos envolvidos no processo escolar, ao mesmo tempo em que “dá voz” aos participantes do processo.

Levando em consideração o cenário exposto, o objetivo desta pesquisa é identificar como a observação, enquanto instrumento no processo de produção de dados, está sendo utilizado em pesquisas no âmbito da Educação Especial, destacando as características que lhes são peculiares.

Metodologia

Esta pesquisa é classificada como uma pesquisa bibliográfica, mais especificamente caracterizada como pesquisa de estado da arte, que segundo Ferreira (2002, p. 258), tem como desafios

mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

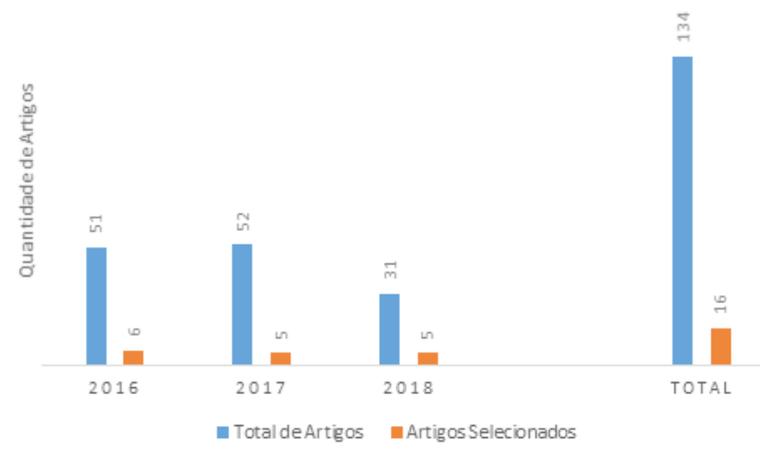
As pesquisas denominadas de “estado da arte” também têm como característica possuir uma metodologia inventariante e descritiva da produção científica sobre determinado tema, que busca investigar como as pesquisas são desenvolvidas acerca de determinadas categorias ou facetas definidas (FERREIRA, 2002).

Para a realização desta pesquisa, foi escolhida a Revista Educação Especial (**ISSN Eletrônico:** 1984-686X, Qualis CAPES 2013-2016 – Educação A2), publicada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), devido ao seu tempo de circulação e indicadores de qualidade. A revista publica apenas artigos originais no campo da Educação Especial. Destina-se a estudantes, professores e pesquisadores em Educação. A publicação impressa começou em 1986 e foi encerrada em 2016. Atualmente, apenas a versão eletrônica está disponível. São publicados três números por ano, com aproximadamente 55 artigos por ano, em periodicidade quadrimestral. A revista tem o português (Brasil) como idioma principal e inglês ou espanhol como secundárias.

Foram realizadas buscas no site da Revista Educação Especial, em que, para o momento, foram analisados os trabalhos publicados entre os anos 2016 a 2018, contando com três volumes, um por ano, e três números por ano, com exceção do ano de 2018 que, até o momento, só foram publicados dois números. Assim, foram analisados 8 números, totalizando 134 trabalhos.

Foi realizado o *download* de todos os trabalhos, sendo feita a leitura do título, resumo, palavras-chave e metodologia, com vistas a identificar a utilização da observação como instrumento no processo de produção dos dados. Dos 134 trabalhos, apenas 16 utilizaram este instrumento em suas pesquisas, como detalhados na imagem e no quadro abaixo:

Figura 1: Publicações analisadas e selecionadas para compor o corpus da pesquisa.



Fonte: elaborada pelos autores.

Quadro 1: Descrição dos trabalhos analisados

Ano	Autores	Título	Estados	Regiões	País
2016	Zancanaro Junior e Zancanaro	A atuação dos intérpretes de Libras com educandos surdos no ensino fundamental	SC	Sul	Brasil
	Ferreira e Lopes	A escola e a educação inclusiva: professoras e alunos em cena	MG	Sudeste	Brasil
	Martins e Chacon	Alunos precoces no Ensino Fundamental I: quem são essas crianças?	MT e SP	Centro-oeste e Sudeste	Brasil
	Oleques	Desenho e escrita características na produção gráfica de duas crianças com Síndrome de Down	SC	Sul	Brasil
	Marchi e Silva	Formação continuada de professores: buscando melhorar e facilitar o ensino para deficientes visuais por meio de tecnologias assistivas	RS	Sul	Brasil
	Silva <i>et al.</i>	Habilidades sociais, interação social e a inclusão escolar de uma criança cega	SE e RN	Nordeste	Brasil
	Azevedo e Damke	A Criança com Síndrome de Down: o sentido da inclusão no contexto da exclusão	MS e PR	Centro-oeste e Sul	Brasil
	Machado e Stolz	Arte, criatividade e desenvolvimento socioemocional de alunos com altas habilidades/superdotação (AHSD): considerações a partir de Vygotsky	PR	Sul	Brasil
	Liberto, Ribeiro e Simões	As representações de imagens grafo-táteis para o aluno cego no contexto educativo inclusivo	NA	NA	Portugal
	Quitério, Gerk e Nunes	Avaliação multimodal das habilidades sociais de estudantes com paralisia cerebral usuáries de comunicação alternativa	RJ	Sudeste	Brasil
2017	Drago e Dias	O bebê com síndrome de Down na de educação infantil: um estudo de caso	ES	Sudeste	Brasil
	Silva	A convivência entre crianças com e sem deficiência e o papel do professor na educação infantil	RS	Sul	Brasil
	Ferreira-Donati e Deliberato	Educação familiar em linguagem infantil: contribuições do grupo focal	SP	Sudeste	Brasil
	Almeida e Pereira-Silva	Interação fraternal quando um irmão tem síndrome de Down Um estudo observacional	MG e DF	Centro-oeste	Brasil
2018	Barbosa	O transtorno do espectro autista em tempos de inclusão escolar: o foco nos profissionais de educação	SP	Sudeste	Brasil
	Silva	Revisitando a Acessibilidade a partir do Modelo Social da Deficiência: Experiências na Educação Superior	PB	Nordeste	Brasil

Fonte: elaborado pelos autores.

NA: não se aplica.

Resultados e discussão

Com o corpus da pesquisa definido, procedeu-se a análise criteriosa das características da observação enquanto instrumento de pesquisa. Nesse sentido, foram destacados em uma planilha eletrônica - o método de pesquisa empregado, a descrição dos participantes observados, a forma como essas observações foram registradas, se a observação foi o único instrumento da pesquisa ou se foi utilizada em conjunto com outros instrumentos e a duração das observações realizadas. Tais dados foram contabilizados e apresentados de forma descritiva.

Métodos de Pesquisa

Dos 16 trabalhos analisados nesta pesquisa, apenas um utilizou o método quantitativo (ALMEIDA; PEREIRA-SILVA, 2018), prevalecendo a utilização da observação como instrumento característico da pesquisa qualitativa. Esta é uma tendência na área da Educação Especial, sendo ainda tímida a entrada de estudos mistos e quantitativos, com trabalhos experimentais em áreas como avaliação de ensino de pessoas com autismo (NUNES; WALTER, 2014). A tendência qualitativa está presente nos estudos em educação preocupados com a intervenção nos processos educativos, com análise qualitativa das políticas públicas bem como de participação ativa dos participantes da pesquisa no fazer do conhecimento científico. Isto devido à proposta de inclusão, de viabilizar o dizer dos que historicamente foram excluídos de falar em nome próprio, marginalizados e historicamente silenciados como é o caso das pessoas com deficiência e altas habilidades (GLAT; ANTUNES, 2014). Historicamente, os temas foram diversificados. A análise cienciométrica da produção em Educação Especial demonstrou variedade nas temáticas que se relacionaram com o contexto social, político, educacional, econômico brasileiro. A relação dos temas pode ser verificada na tabela produzida por Vilela-Ribeiro, Benite e Lima-Ribeiro (2011, p. 300):

Tabela 1:Temas recorrentes das pesquisas em relação às décadas de produção

Década	Assuntos das pesquisas
1940	- Educação dos Surdos; - Curso e Currículo; - Processos de ensino-aprendizagem.
1950	- Educação dos Deficientes Intelectuais - Atitudes.
1960	- Educação dos Deficientes Intelectuais - Atitudes.
1970	- Enfoque docente; - Programas de Reabilitação
1980	- Educação das Pessoas com problemas de conduta; - Educação dos Cegos; - Educação dos Deficientes Físicos; - Meios de Ensino; - Produtividade e Avaliação escolar; - Inclusão em Salas de aulas regulares; - Não definido.
1990	- Educação das Pessoas com problemas de conduta; - Educação dos Cegos; - Educação dos Deficientes Físicos; - Meios de Ensino; - Produtividade e Avaliação escolar; - Inclusão em Salas de aulas regulares; - Não definido.
2000	- Identificadores e Especificadores da Educação.

Fonte: Vilela-Ribeiro, Benite e Lima-Ribeiro (2011, p. 300).

Verificamos uma mudança a partir dos anos 2000 pela influência da legislação e da educação inclusiva como marco de política brasileira.

Participantes observados

Com relação aos participantes observados, foi percebido uma diversificação, em que, na sua grande maioria, participaram somente alunos (ALMEIDA; PEREIRA-SILVA, 2018; AZEVEDO; DAMKE,

2017; FERREIRA; LOPES, 2016; MACHADO; STOLTZ, 2017; MARTINS; CHACON, 2016; OLEQUES, 2016; QUITERIO; GERK; NUNES, 2017; SILVA, Jackeline Susann Souza da, 2018; SOUZA et al., 2016), totalizando 9 trabalhos. Outros dois trabalhos (LIBERTO; RIBEIRO; SIMÕES, 2017; MARCHI; SILVA, 2016) observaram tanto alunos quanto professores no ambiente escolar. Outros dois trabalhos (BARBOSA, 2018; SILVA, Marcelo Oliveira da, 2018) observaram professores e gestores. Entretanto, mesmo em menor quantidade, os trabalhos também observaram somente professores (ZANCANARO JUNIOR; ZANCANARO, 2016), somente a família das crianças (FERREIRA-DONATI; DELIBERATO, 2018), a família e os professores em um único estudo (DRAGO; DIAS, 2017).

Registro das observações

Quanto à forma de como os autores registraram os dados das observações, 5 do total (AZEVEDO; DAMKE, 2017; FERREIRA; LOPES, 2016; MACHADO; STOLTZ, 2017; OLEQUES, 2016; ZANCANARO JUNIOR; ZANCANARO, 2016) não descreveram no texto do artigo como procederam com o registro das informações. Daqueles que descreveram a forma de registro, foi identificado que seis deles utilizaram o registro em diário de campo (DRAGO; DIAS, 2017; FERREIRA-DONATI; DELIBERATO, 2018; MARCHI; SILVA, 2016; MARTINS; CHACON, 2016; SILVA, Jackeline Susann Souza da, 2018; SILVA, Marcelo Oliveira da, 2018), outros dois (ALMEIDA; PEREIRA-SILVA, 2018; QUITERIO; GERK; NUNES, 2017) mencionaram a filmagem como registro, e outros dois (BARBOSA, 2018; SOUZA et al., 2016) utilizaram o diário de campo e a filmagem em conjunto. Apenas um trabalho (LIBERTO; RIBEIRO; SIMÕES, 2017) utilizou uma grelha para observação.

A observação tem sido utilizada como recurso de pesquisa há muito tempo, sendo um instrumento que se utiliza tanto na pesquisa qualitativa quanto quantitativa e mista. O tipo da observação fará diferença na escolha, tendo em vista que a observação estruturada se utiliza de uma grelha, um modelo no qual se marca a ocorrência das variáveis. A observação semiestruturada é mais aberta, seguindo as questões norteadoras da pesquisa. Por ser um instrumento já consagrado na pesquisa, alguns autores podem deixar de explicar de forma explícita como foi feito seu uso na pesquisa apresentada. Porém, tal ocorrência pode dificultar a análise realizada pelo leitor na pesquisa, tendo em vista que muitas lacunas podem ser encontradas, tais como: o que foi realmente observado, quando, por quanto tempo?

Com relação ao registro, há muitas formas de se criar um diário de campo bem como a forma de escolher episódios de filmagens. A lacuna com relação à forma de registro de forma explícita, dificulta a análise dos artigos, bem como a possibilidade de outro autor seguir o mesmo procedimento.

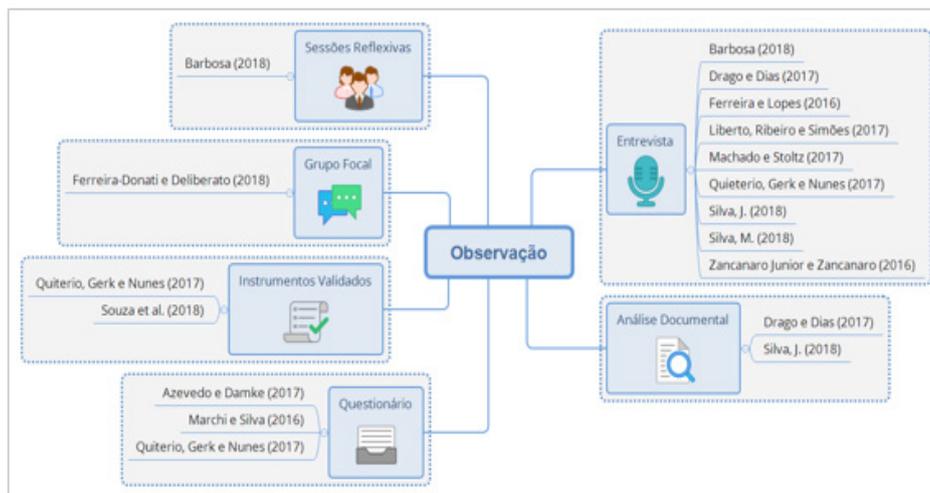
Utilização conjunta da observação com outros instrumentos

A observação foi utilizada como instrumento único em apenas três trabalhos (ALMEIDA; PEREIRA-SILVA, 2018; MARTINS; CHACON, 2016; OLEQUES, 2016). Nos outros 13, a observação foi utilizada em conjunto com outro instrumento em 8 dos trabalhos (AZEVEDO; DAMKE, 2017; FERREIRA-DONATI; DELIBERATO, 2018; FERREIRA; LOPES, 2016; LIBERTO; RIBEIRO; SIMÕES, 2017; MACHADO; STOLTZ, 2017; MARCHI; SILVA, 2016; SILVA, Marcelo Oliveira da, 2018; SOUZA et al., 2016), com dois outros instrumentos em 4 trabalhos (BARBOSA, 2018; DRAGO; DIAS, 2017; SILVA, Jackeline Susann

Souza da, 2018; ZANCANARO JUNIOR; ZANCANARO, 2016) e três outros instrumentos em apenas um trabalho (QUITERIO; GERK; NUNES, 2017).

Com relação aos instrumentos utilizados em conjunto com a observação, foi identificado uma diversidade, como mostra a figura abaixo.

Figura 2: Utilização conjunta da observação com outros instrumentos



Fonte: elaborada pelos autores.

Duração das observações

Dos 16 trabalhos selecionados, 4 deles (BARBOSA, 2018; LIBERTO; RIBEIRO; SIMÕES, 2017; MACHADO; STOLTZ, 2017; OLEQUES, 2016) não informaram por quanto tempo procederam com as observações. Do restante, foi percebido uma grande diversidade em questão de intervalo, indo de 2 semanas de aula (MARCHI; SILVA, 2016) até dois anos e meio (SILVA, Marcelo Oliveira da, 2018) de observação.

Outros aspectos interessantes

Como foram analisados todos os trabalhos publicados na Revista Educação Especial, pudemos identificar dois trabalhos (RIBEIRO; MELO; SELLA, 2017; ROSIN-PINOLA et al., 2017) incluindo os com deficiência. Nesse estudo, objetivou-se avaliar as habilidades sociais educativas dos professores antes e depois de passarem por um Programa de formação em Habilidades Sociais Educativas (PHSE que, apesar de não ter utilizado a observação como um dos instrumentos de suas pesquisas, sugeriram a sua utilização em futuros estudos.

A análise dos artigos permite perceber grande diversidade, tal como constataram Casagrande e Cruz (2014, p. 161) na análise da produção em Educação Especial, o que permite maior cobertura das temáticas analisadas bem como relação com a implementação de escolas inclusivas e suas derivações quanto à formação de professores, vivência escolar, políticas públicas, ensino, aprendizagem e tantos outros temas cotidianos

Constatamos a diversificação de enfoques metodológicos relacionados a tipo de pesquisa; técnica de registro de pesquisa e tipo de análise de dados. Essa diversidade na educação especial foi constatada nos trabalhos de Laplane, Lacerda e Kassar (2006). Sabe-se que a educação, inicialmente,

preocupava-se com estudos voltados a aspectos psicopedagógicos e psicológicos, muitos deles relacionados a levantamentos estatísticos, mas que vêm, desde 1930, apresentando um aumento na diversidade temática e metodológica (GATTI, 2001).

A ampliação do número de Programas de Pós Graduação focados na Educação Especial possibilita tanto a formação quanto a diversificação das pesquisas, compondo um campo potente para a interlocução com o cotidiano das pessoas com deficiência. A utilização de instrumentos como a observação parece ser tomado como dado, tendo em vista a falta de discussões sobre a forma de produção dos dados, talvez devido a seu uso frequente nas pesquisas científicas. Porém, cabe problematizar as implicações éticas da observação no campo da educação especial. Como a observação contribui com a pesquisa com pessoas surdas, por exemplo. Como a observação auxilia na produção de dados sobre autismo, em pesquisas com pessoas não oralizadas. E na educação infantil? Ou seja, ao problematizar a observação na articulação com os participantes da pesquisa, podem surgir caminhos valiosos para a pesquisa ética.

Considerações finais

Dentre os diversos instrumentos utilizados para registro dos dados produzidos em pesquisas na área da Educação, a observação se destaca por colocar o pesquisador em contato direto com o fenômeno e seus demais atores, além de atentar para as informações produzidas de forma não-verbal, como acontecimentos e comportamentos.

Na análise aqui feita, a observação aparece em pequena proporção, cerca de 10% do corpus total analisado, tendo como predominância a sua utilização em pesquisas desenvolvidas balizadas pelo método qualitativo.

Dos participantes que forma observados, pudemos identificar que a observação foi utilizada para identificar aspectos dos mais diferentes atores do cenário educacional, como pessoas com deficiência, seus familiares, professores e gestores de instituições educacionais. Diante disso, pode-se perceber que a observação pode ser utilizada com os mais diferentes participantes, cada um com suas especificidades.

Entretanto, em alguns trabalhos não foi possível identificar como o registro das observações foi feito. Vemos como de fundamental importância a explicitação de como os dados produzidos foram registrados, de modo a expor aos leitores como a observação foi utilizada naquela situação em específico. Dos trabalhos que expuseram como foi feito o registro dos dados produzidos, pudemos identificar que o diário de campo continua predominando como a forma de registro dos pesquisadores. Com o avanço tecnológico e o grande volume de informações que é produzido no campo da pesquisa, alguns pesquisadores têm utilizado a filmagem como uma maneira eficaz de registrar os dados, possibilitando revistar situações passadas e possivelmente perceber outros aspectos que passaram despercebidos no momento. Entretanto, alguns trabalhos vêm utilizando o diário de campo em conjunto com a filmagem, o que vemos como ideal, pois além de captar as cenas e os diálogos ocorridos no campo, o pesquisador pode registrar as suas percepções e os seus sentimentos no diário de campo.

Com a nossa análise, pudemos ver que a grande maioria dos estudos em Educação Especial aqui analisados utilizou a observação em conjunto com outros instrumentos. Entretanto, há de se ressaltar que também identificamos trabalhos que utilizaram a observação como instrumento único para registro dos dados produzidos. Daqueles que a utilizaram em conjunto com outros instrumentos, grande parte deles

utilizou a observação com 1 outro instrumento, mas também houve trabalhos que utilizaram com 2 e até 3 outros instrumentos. Desses instrumentos, identificamos uma grande diversidade, configurando a observação como um bom instrumento auxiliar nas pesquisas em Educação Especial.

Com relação à duração em que as observações foram realizadas, também sentimos a falta da explicitação em alguns trabalhos. Dos que mencionaram por quanto tempo permaneceram com as observações, percebemos que a duração dependerá muito do objetivo da pesquisa, podendo durar semanas ou anos de interação a observação do grupo estudado.

Mesmo sem utilizar a observação como instrumento, identificamos estudos que sugeriram que outros estudos que vissem a investigar a mesma situação ou o mesmo fenômeno utilizassem a observação para registrar os dados produzidos no percurso da pesquisa, considerando-a como um potencial instrumento auxiliar que pode agregar outros dados para uma melhor compreensão do fenômeno investigado.

Frente às nossas análises, percebemos que mesmo sendo um instrumento utilizado há muito tempo, a observação é relativamente pouco utilizada nas pesquisas em Educação Especial. Mesmo aquelas que optam por utilizar a observação, muitas vezes os pesquisadores não relatam as especificidades da observação realizada e quais autores embasam a sua prática. Acreditamos que tais aspectos, quando explícitos nos textos, garantem que a cientificidade das investigações seja respeitada e difundida no meio acadêmico, garantindo também mais confiabilidade para as pesquisas.

Como o público-alvo da Educação Especial é diverso em relação às suas características específicas, consideramos importante estar atento sobre qual a melhor forma de observar o fenômeno e registrar os dados produzidos em cada caso singular. Tal atenção implicará em um planejamento cuidadoso e rigoroso sobre “o quê” e “como” observar, a fim de determinar o foco da observação, o grau de participação por parte do pesquisador, o cenário e o conteúdo das observações, por quanto tempo o fenômeno será observado e qual a melhor forma de registro dos dados produzidos a partir da observação. Todos esses aspectos envolvidos no planejamento da observação mantêm uma relação de interdependência entre si, em que a escolha por uma posição em um aspecto influenciará diretamente na decisão dos demais aspectos do planejamento.

Referências

ALMEIDA, B. R. de.; PEREIRA-SILVA, N. L. Interação fraternal quando um irmão tem síndrome de Down: Um estudo observacional. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 61, p. 339–352, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/22874>. Acesso em: 3 ago. 2018.

AZEVEDO, A. P. S.; DAMKE, A. S. A Criança com Síndrome de Down: o sentido da inclusão no contexto da exclusão. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 57, p. 103–114, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/17862>. Acesso em: 3 ago. 2018.

BARBOSA, M. O. O transtorno do espectro autista em tempos de inclusão escolar: o foco nos profissionais de educação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 61, p. 299–310, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24248>. Acesso em: 3 ago. 2018.

CASAGRANDE, R. C.; CRUZ, G. C. Análise epistemológica das teses e dissertações sobre atendimento educacional especializado: 2000 a 2009. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 48, p. 155-170, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/6986>. Acesso em: 25 ago. 2018.

- DRAGO, R.; DIAS, I. R. O bebê com síndrome de Down na de educação infantil: um estudo de caso. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 58, p. 515–528, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24260>. Acesso em: 3 ago. 2018.
- FERREIRA, C. M. R. J.; LOPES, T. F. A escola e a educação inclusiva: professoras e alunos em cena. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 29, n. 55, p. 441–456, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/19093>. Acesso em: 3 ago. 2018.
- FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257–272, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 30 out. 2018.
- FERREIRA-DONATI, G. C.; DELIBERATO, D. Educação familiar em linguagem infantil: contribuições do grupo focal. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 139–152, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/18932>. Acesso em: 3 ago. 2018.
- GATTI, B. A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 65-81, jul. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000200004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 out. 2018.
- GLAT, R.; ANTUNES, K. C. V. A metodologia de História de Vida na pesquisa em Educação Especial: a escuta dos sujeitos. In: NUNES, L. R. d’O. P. (Org.). **Novas trilhas no modo de fazer pesquisa em Educação Especial**. São Carlos: Marquezine & Manzini, ABPEE, 2014.
- JANNUZZI, G. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. 2. ed. Campinas: Autores, 1992.
- LAPLANE, A. L. F.; LACERDA, C. B. F. de; KASSAR, M. C. M. Abordagem qualitativa de pesquisa em educação especial: contribuições da etnografia. Reunião da anual da ANPED, 29., 2006, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu, 2006. Disponível em: http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/minicursos/GT15texto_minicurso.pdf. Acesso em 24 set. 2018.
- LEHER, R. Medicalização de políticas públicas, avaliação e metas de desempenho. In: COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A.; RIBEIRO, M. C. F. (Orgs.). **Novas Capturas, Antigos Diagnósticos na Era dos Transtornos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.
- LIBERTO, A.; RIBEIRO, C.; SIMÕES, C. As representações de imagens grafo-táteis para o aluno cego no contexto educativo inclusivo. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 57, p. 9–26, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/21934>. Acesso em: 3 ago. 2018.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.
- MACEDO, E.; SOUZA, C. P. de. A pesquisa em educação no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 43, p. 166–176, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 nov. 2018.
- MACHADO, C. L.; STOLTZ, T. Arte, criatividade e desenvolvimento socioemocional de alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD): considerações a partir de Vigotski. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 58, p. 441–454, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/23030>. Acesso em: 3 ago. 2018.
- MARCHI, M. I.; SILVA, T. N. C. Formação continuada de professores: buscando melhorar e facilitar o ensino para deficientes visuais por meio de tecnologias assistivas. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 29, n. 55, p. 457, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/16066>. Acesso em: 3 ago. 2018.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, B. A.; CHACON, M. C. M. Alunos precoces no Ensino Fundamental I: quem são essas crianças?

Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 29, n. 54, p. 233–246, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/13710>. Acesso em: 3 ago. 2018.

MENDES, E. G.; PASIAN, M. S.; GONCALVES, A. G. In: PAVAO, S. M. O.; COSTAS, F. A. T. (Orgs.) **Pesquisa em Educação Especial: referências, percursos e abordagens**. Curitiba: Appris, 2015.

MOHR, A. C.; FREITAS, C. N. Currículo e práticas em educação especial – pesquisas do Programa de Pós-Graduação da UFSM de 2001 a 2011. In: PAVAO, S. M. O.; COSTAS, F. A. T. (Orgs.) **Pesquisa em Educação Especial: referências, percursos e abordagens**. Curitiba: Appris, 2015.

NUNES, L. R. d'O. P.; WALTER, C. C. F. Pesquisa Experimental em Educação Especial. In: NUNES, L. R. d'O. P. (Org.). **Novas trilhas no modo de fazer pesquisa em Educação Especial**. São Carlos: Marqueline & Manzini, ABPEE, 2014.

OLEQUES, L. C. Desenho e escrita: características na produção gráfica de duas crianças com Síndrome de Down. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 29, n. 54, p. 41–52, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/18141>. Acesso em: 3 ago. 2018.

PLETSCH, M. D.; FONTES, R. S.; GLAT, R. Pesquisas com abordagem etnográfica sobre a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais no ensino regular. In: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 4., 2007, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/168.pdf>. Acesso em 25 out. 2018.

QUITERIO, P. L.; GERK, E.; NUNES, L. R. d'O. P. Avaliação multimodal das habilidades sociais de estudantes com paralisia cerebral usuários de comunicação alternativa. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 58, p. 455–470, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24735>. Acesso em: 3 ago. 2018.

RIBEIRO, D. M.; MELO, N. R. C.; SELLA, A. C. A Inclusão de Estudantes com Autismo na Rede Municipal de Ensino de Maceió. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 58, p. 425–440, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/25264>. Acesso em: 3 ago. 2018.

ROSIN-PINOLA, A. R. et al. Ensinando habilidades sociais educativas para professores no contexto da inclusão escolar. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 59, p. 737–750, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/28430>. Acesso em: 3 ago. 2018.

SILVA, J. S. S. Revisitando a Acessibilidade a partir do Modelo Social da Deficiência: Experiências na Educação Superior. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 197–214, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/23590>. Acesso em: 3 ago. 2018.

SILVA, K. C. dos S.; ANGELUCCI, C. B. A lógica medicalizante nas políticas públicas de educação. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 62, p. 683–696, jul./set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/29132>. Acesso em: 13 set. 2018.

SILVA, M. O. A convivência entre crianças com e sem deficiência e o papel do professor na educação infantil. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 107–118, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24604>. Acesso em: 3 ago. 2018.

SOUZA, M. P.; et al. Habilidades sociais, interação social e a inclusão escolar de uma criança cega. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 29, n. 55, p. 323–336, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/20002>. Acesso em: 3 ago. 2018.

VILELA-RIBEIRO, E. B.; BENITE, A. M. C.; LIMA-RIBEIRO, M. S. Análise cienciométrica em Educação Especial: tendências e importância nos últimos 60 anos. **Revista Educação Especial**, v. 24, n.40, p. 285–304, maio/ago 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/2897>. Acesso em: 14 ago. 2018.

ZANCANARO JUNIOR, L. A.; ZANCANARO, T. M. L. A atuação dos intérpretes de Libras com educandos surdos no ensino fundamental. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 29, n. 54, p. 83–94, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/17734>. Acesso em: 3 ago. 2018.

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. spe, p. 79–88, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000300009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 11 nov. 2018.

Recebido em: 28/05/2019

Aceito em: 10/03/2020

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) pela concessão de Bolsa de Doutorado ao primeiro autor e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela Bolsa PNPd da segunda autora.